



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Talita Trizoli

Universidade Federal de Goiás - UFG

O revisionismo epistemológico de Linda Nochlin e Griselda Pollock

Durante as décadas de 1960/70, o movimento feminista e sua postura crítica quanto aos posicionamentos políticos dos gêneros afetaram não apenas as estruturas sociais e subjetivas da época, mas atingiram o cerne da formação discursiva e epistemológica de algumas disciplinas reguladoras da sociedade.

A História da Arte, esfera normalizadora da produção artística e reificadora dos discursos euro e androcentristas até então, é uma das disciplinas a sofrer esse processo crítico de revisão, não apenas pelas recentes e evidentes reviravoltas conceituais e ontológicas da área, mas também pela postura investigativa fomentada por pesquisadoras militantes, preocupadas não apenas na apreensão e rastreamento da recente produção em arte, mas nas problemáticas discursivas e excludentes do período moderno e seus mitos de genialidade, autonomia, inovação e ruptura.

Dentro desse revisionismo epistemológico desencadeado em parte pela crítica cultural feminista, proponho exemplificar as diferenças de posição teórica entre duas historiadoras de grande relevância para a abordagem da História da Arte como disciplina restrita a homens ocidentais e brancos, e que tiveram influência nos recentes estudos e desconstruções da área: Linda Nochlin e Griselda Pollock.

A fim de verificar seus principais argumentos, diferenças críticas, e respectivas experiências de formação, usarei como referências principais o texto icônico de Nochlin, *Why have there been no great women artists*, primeiro texto acadêmico a apontar as diferenças de gênero dentro da disciplina de História da Arte, e fragmentos do livro de Pollock *Differencing the Canon*, onde a historiadora britânica, sobre a égide da psicanálise francesa lacaniana, pontua e questiona a constituição simbólica e psicanalítica das imagens femininas e masculinas na História da Arte, colocando em xeque os cânones fundadores da disciplina.

Nochlin, historiadora da arte americana e influenciada pelos estudos foucaultianos de relações de poder, assume em seu texto o compromisso de dar voz a certo número de artistas mulheres do período renascentista até o século XIX, sempre deixando em evidência o processo gradual e intenso de apagamento desse tipo de produção, não por estarem fora dos padrões produtores e questionamentos estéticos da época, mas pelo simples fato de pertencerem a um gênero sexual impossibilitado de frequentar plenamente o circuito das artes e de posicionar-se criticamente quanto a sua condição.

Já Pollock, atenta as recentes discussões pós-modernas e epistemológicas da década de 80, faz uso das metodologias de análise da psicanálise francesa, em autoras como Kristeva e Irigaray, a fim de verificar o processo de construção do feminino e masculino como símbolos dentro da História da Arte, e que não se desvinculam do discurso formador das identidades e das obras artísticas.